ANNO II — RECIFE -- 1 de Janeiro de 1902 — NUM 1

Aurora Social

ORGÃO DO OPERARIADO

MANTIDO PELO CENTRO PROTECTOR DOS OPERARIOS

Assignaturas

Mensal	1$000
Semestral	5$000
Annual	9$000

PAGAMENTO ADIANTADO

AURORA SOCIAL

ANNO NOVO

Bemvindo sejaes tu, ó anno novo, que surges quando a patria brazileira soluça de fome!

Nós filhos do trabalho, heroes vencidos pelo desespero, quanta energia deixamos, estravazar. perdida no chão da arena de combate pela grande vida, nos longos dias que terminaram hontem fechando mais um élo desta enorme cadeia de aço—o seculo que passou que ainda nos prende a baga da escravidão social!

Quantos sentimentos oppostos e desencontrados,—luta e esperança—trabalho e fome,—agonia e stoicismo—quantos encheram o nosso e fecundo coração!

Benvindo sejas, ó novo anno em que a patria essa penitente que apenas supplica o amor de seus filhos inicia o pásso tropego dos combalidos atravéz do caminho em que acaba de entrar o novo! Sim, bemvindo sejaes em nome da humanidade! que os povos não se esqueçam de que ha um problema a resolver:—a questão social.

Que a bellissima revolução transvaaliana—a vencedora amanhã—seja o perenne mais ultimo exemplo de quanto vale um direito, de quanto uma idéa—hostia de luz que symboliza a justiça transcendental e immorredora, torna invenciveis as almas e os peitos que a abrigam.

Que a luta dos filhos da formosa Italia pelo pão,—pelo direito da existencia—fosse a derradeira explosão do sentimento material do homem, contra o poderio das instituições modernas.

Que Dreyfus o condemnado sobre cuja fronte uma nação inteira lançou o escarneo de todos os desprezos, rehabilite-se perante o mundo, para que não fique degenerado o sangue todo que 89 fizera derramar, para que não se apague da historia da França as glorias passadas e não se escureça a luz abundante que seguio-se—esteira luminosa d'um astro—ao desapparecimento physico de Hugo—o maior homem que o seculo produzio.

E, quando essas locubrações forem outros tantos factos no mundo das cousas reaes, quando o proletariado tiver ao menos o direito de ser ouvido, nesses 365 dias que se vão seguindo oh! tu que surges deixae que os levitas da seita de Marx bradem cantando o hymno do futuro livre:—*Vita nuova!*

Salve, companheiros do mundo inteiro!

Crime Hediondo

Desgraçadamente confirma-se a triste noticia que tivemos do barbaro espancamento de que foi victima um infeliz trabalnador da *Usina Pedroza*, na Ilha de Flores.

As provas que temos colhido, o testemunho insuspeito de pessoas fidedignas que horrorizadas assistiram a miseravel matança da infeliz victima, tudo concorre para que a justiça publica tome a peito essa causa, que mancha a civilização e cobre de luto o nome da familia operaria.

E' impossivel tolerar semelhante monstruosidade, tanto mais quanto a infeliz victima, longe de ser um homem violento, era um cidadão morigerado e honesto.

Depois de surrado a facão o infeliz foi posto ao tronco, e soffreu o castigo de 200 bolos!

Horrivel!

Continuamos a agir em busca da verdade, e de posse de documentos importantes faremos quanto em nossas forças couber, afim de que esse crime não fique impune.

Ao sr. dr. chefe de policia pedimos nos auxilie nesta obra de desaffronta a familia operaria!

LUIZA MICHEL

Tem sessenta e oito annos de idade a grande revolucionaria franceza cujo retrato estampamos e mais de trinta de uma existencia de lutas e perigos.

Era professora em Batignolles por occasião da queda do segundo imperio e nessa epocha se occupava em discutir politica e as questões sociaes, com a maior exaltação e o maior enthusiasmo.

No cerco de Paris vestiu-se de farda e, de carabina em punho, lutou ao lado dos que de mais coragem e audacia deram provas.

Depois da ruptura entre a Communa e a Assembléa de Versailles, Luiza Michel organisou o *comité* central da *União das Mulheres*, presidiu o club revolucionario da igreja de Saint Bernard, escreveu artigos no *Cri du Peuple* desenvolvendo em todo esse periodo todas as suas grandes energias.

Presa, logo depois da entrada das tropas de Versailles em Paris, a « virgem vermelha », como já então a chamavam, foi submettida a conselho de guerra.

Negou-se a pronunciar um palavra em sua defeza e disse que tomara parte nos incendios da Communa.

— Eu quiz oppor uma barreira aos invasores de Versailles.

Terminou pedindo que a condemnassem á morte.

— Se não sois cobardes, matae-me!...

O tribunal preferiu condemnal-a á pena de deportação e Luiza Michel seguiu para a Nova Caledonia em 1871, regressando em 1880 deixando ali os mais assignalados rasgos de heroismo, favorecida por um decreto de amnistia.

Envolveu-se em 1883 n'umas agitações populares e o jury a condemnou a seis annos de reclusão. Perdoada em 1886, teve de sahir á força das prisões de Clermont porque « não admittindo o systema de graças parciaes » recusou a mercê do governo.

N'esse mesmo anno soffreu quatro mezes de prisão por ter, em discurso n'um *meeting*, dito que o governo da França era de ladrões e assassinos.

Luiza Michel é autora de muitas obras de merito, romances, contos, poesias e dramas.

Amigos e adversarios lhe reconhecem uma extrema bondade, junta á mais austera de todas as convicções.

Accusada de ter aconselhado o saque das padarias, Luiza no Tribunal produzio a sua defeza, conseguindo electrisar os julgadores, quando cheia de altruismo e valor disse:

« Não conheço fronteiras, porque toda a humanidade tem direito a herança da humanidade.

« Vós quereis o progresso lentamente. Nós queremol-o depressa. Vós tendes visto a miseria de longe. Nós vemol-a de perto. Ahi está a razão porque temos pressa de chegar ao fim. »

Depois de falar brilhantemente de Christovão Colombo, da electricidade, das cordas vocaes, terminou o seu brilhantissimo discurso com a seguinte apostrophe:

« Ficae certos de que estes crimes apparecerão ainda, antes de chegar a igualdade que se fará um dia!

« Não era a pilhagem de umas pobres padarias que me preoccupava, continuou ella, quando se póde morrer de fome no dia seguinte! Não aconselhei a invasão das padarias.

« Talvez procedesse de forma diversa si se tratasse de procurar para aquella horda de esfaimados o pão quotidiano. Neste caso reputo criminosa a minha abstenção. »

Como mulher caridosa, protectora de tudo quanto é infortunio, Luiza priva-se de suas refeições para distribuir pelos desgraçados.

Em Nouméa transformou o seu lar em hospital, e tratou os doentes e pobres com o maximo carinho, dormindo no chão para ceder-lhes o leito.

Não tinha sapatos, não tinha meias, não tinha nada, dava tudo!

Grande e sublime como o seu idéal, altiva e eloquente como as irradiações purissimas do seu peregrino talento, ella acaba de proferir a mais bella de suas prophecias que a historia enthezoura em suas paginas indeleveis.

E' um conjuncto de verdades o pensamento da ardorosa propagandista, que, neste momento, exulta vendo os progressos vertiginosos do seu grande e sublime ideal:

« O meu ideal aos vinte annos e até muito tempo antes era o que é hoje: a humanidade altiva e livre na terra livre.

« Como ideal, eu fui sempre muito ávida, e creio que o sou cada vez mais; as artes, as sciencias, para todos; a paz na liberdade, desvendada uma grande parte do desconhecido, e não é isto demasiado no ideal presente. Aquelles que nesse tempo existirem vel-o-hão.

« Não somente eu, mas nunca ninguem vê realisado o seu ideal; está sempre muito longe de nós, sendo o progresso eterno, elle fluctúa somente diante de nós. »

Nestas ligeiras linhas, pois, está a mulher illustre a quem o mundo tanto admira e o Socialismo tanto exulta.

Coração de oiro, alma heroica, Luiza pertence já a phalange gloriosa dos immortaes.

Ahi pois, fica retractada, nestes periodos, a mulher sublime que estremeceu o tribunal de Paris.

A CRISE

Qual é a causa da crise social que actualmente está atravessando quasi o mundo inteiro?

— Os máos governos.

Reina a ambição, o egoismo, a força bruta, peior que no tempo do feudalismo, peior que no dominio papal!

Provas palpitantes nos dão constantemente as nações civilisadas, que, emquanto fallam de paz e liberdade, armam-se até aos dentes!

E, a pretexto de levar a civilisação entre os barbaros, abusam da força para opprimir e escravizar os mais fracos!

E o pobre povo, cada vez mais carregado de impostos, é sempre a mesma besta de carga inutil e açoitada que não tem o direito de queixar-se, nem de reagir.

Aqui, no Brazil, paiz vastissimo, rico de productos naturaes, ainda não se pode sentir o cancro galopante da crise européa, mas, já principia-se a provar o effeito fatal dos abusos dos erros governamentaes!

O proprio Pedro II, retirando-se, confessou que estava já cançado de carregar nos hombros meio seculo de máos governos. E não mentia: tinha estudado o ambiente politico do seu paiz e conhecia os seus homens...

O Imperio desappareceu, mas não desappareceram os máos governos.

Os homens da Monarchia são os homens da Republica, e o povo é sempre o mesmo povo, escravo e ignorante; que trabalha e paga a despeza de todos os parasitas da sociedade.

O povo cada vez mais soffre e anhela a sua redempção; sonha o ideal do seu verdadeiro governo.

— Mas, o proletariado brasileiro soffre as mesmas necessidades que soffre o europeu? — Ainda não.

O solo aqui é immenso e os braços são poucos... Porem estes poucos não deixam de ser tambem desfructados pelos proprietarios e pelos governantes.

Os senhores de engenhos, que, Deus sabe como, acham-se donos de enormes extensões de terras, a maneira de feudalismo, habituados ao trabalho rigoroso e sem salario dos seus escravos, entendem tratar os livres trabalhadores com o mesmo rigor e quasi sem salario.

Naturalmente, a maior parte abandona o matto e corre para as capitaes. O governo, que mostra interessar-se pela agricultura, chama os emigrantes; mas os emigrantes apenas chegados, no campo, ficam desilludidos e fogem tambem para as cidades. E assim, a medida que os campos desertam-se, as cidades fervilhão de *cidadãos* vagabundos, ganhadores, mascates, *bicheiros, et reliqua.*

— Mas, então, são estas as verdadeiras victimas do actual organismo social?

— Ainda não.

As verdadeiras victimas são as artes, são os artistas!

Os verdadeiros operarios, os heróes do trabalho são os crucificados.

Sim, cada um que tinha a sua pequena officina e trabalhando ganhava apenas para sustentar a sua familia, hoje, para não morrer de fome vê-se obrigado a abandonar a officina e andar esmolando trabalho e recebendo couces dos pançudos ricaços.

— E porque?

Porque o governo que não é nem artista, nem proletario, se aborrece d'estes desgraçados e os carrega de impostos e os saccode na miseria! Tanto que a maior parte dos operarios para entorpecer os seus soffrimentos, entregam-se aos vicios e vão acabar na cadeia, ou no hospital... Chegamos ao ponto da palavra operario ser synonimo de bebado, vagabundo, mal trapilho, etc etc...

Eis a causa porque augmenta cada vez mais o exercito dos *doutores* politicantes, e diminue o exercito dos trabalhadores.

Eis a causa porque as artes, as industrias nacionaes enlanguecem emquanto os thuriferarios de todos os governos, os idólatras do bezerro de ouro, os verdadeiros parasitas, engordam a custa do pobre trabalhador.

E' este o direito, a justiça?

E' esta a liberdade, a egualdade e a fraternidade que a Republica — governo do povo — offerece ao povo?

Mentira! O povo não governa. O povo ainda embebido de fanatismo religioso, não comprehende os seus direitos e soffre pacientemente todas as torturas para alcançar o reino do céo.

O povo ainda deixa-se esfollar pelo amor de Deus. Mas, quando a educação, o raciocinio lhe destruir as illusões desse falso banquete de um outro mundo, quando comprehender que os homens são todos iguaes, que cada um tem o mesmo direito ao banquete da vida, elle sacudirá os seus podres grilhões, e triumphará o sacrosanto ideal da redempção humana!...

F. M.

CONGRESSO OPERARIO

Com o titulo acima os nossos companheiros do *Trabalho*, magnifico orgão do operariado paraense publicaram o brilhante artigo que cheio de immensa satisfação e ao mesmo tempo profundamente penhorados passamos para a nossas columnas:

« Segundo lemos no arrojado e dedicado defensor dos interesses e direitos da classe operaria brazileira—TRIBUNA OPERARIA—do Rio dentro em breve, devido aos esforços e dedicação do incansavel e talentoso apostolo do socialismo em Pernambuco, nosso distincto collega e companheiro, João Ezequiel, será inaugurado o Congresso Operario de Pernambuco, o qual, indubitavelmente, virá de uma maneira assás eloquente e verdadeiramente nobre dispertar na phalange dos filhos do trabalho d'esse glorioso Estado, o bello sentimento purissimo da reivindicação operaria. Bem mais ainda será o propulsor soberano e efficaz que ha de acordar a classe operaria d'ese torpor ou inercia em que vive, que lentamente lhe vae arruinando as tendencias liberaes, e dolorosamente desorganisando; será o elemento poderoso, o mais saudavel auxilio para a consolidação da união operaria.

O Congresso Operario que se vae installar em Pernambuco, como diz o denodado evangelizador operario de onde colhemos esta gratissima noticia—reunindo em seu seio todos os ramos artisticos destraldará a bandeira operaria sem rebuços indo corajosamente, convictamente pugnar por um direito inviolavel e sagrado agasalhado no largo e generoso peito d'estes gloriosos e fecundantes artifices da civilisação e progresso.

Muito bem.

E' com factos e serviços prestados a classe que se reconhece a benemerencia dos collegas.

E João Ezepuiel, esse espirito lucido, tenaz, emprehendedor e fecundo, é digno, é credor incontestavel da benemerencia da classe operaria, pelo menos de Pernambuco. De Pernambuco, sim, porque é ahi n'esse glorioso Estado, onde o seu bello talento creador, a sua vontade de ferro, a sua efficaz perseverança se teem empenhado em pról dos interesses, do bem estar e da preponderancia dos direitos da classe operaria; estigmatisando com a sua palavra educada, cheia de logica e conveniente a prepotencia desdobrada contra esta clsssa que é o eterno « bode expiatorio » dos enfatuados burguezes, estupidos e insaciaveis.

Oxalá nos demais Eslados da União este nobre passo dado por Pernambuco na vanguarda do progresso, encontre écho e seja imitado e que tenhamos nós em breve o prazer de noticiar a installação do Congresso Operario em todos os estados d'esta grande patria brazileira.

Salve operarios brazileiros, intransigentes paladinos da progressão operaria!

CONFERENCIA

Realizada na séde do Centro Protector dos Operarios pelo companheiro Ulysses de Mello

(Conclusão)

Companheiros! Operarios Pernambucanos! Filhos desta heroica terra onde pela primeira vez echoou o brado de liberdade pelo bocca de Bernardo Vieira de Mello; vinde confraternizar comnosco; fitai os olhos no horisonte, e vede aquella luminosa estrella apontando-nos a grande enseada da liberdade! Estendei as vossas mãos; unia-as as nossas; e assim fortes e compactos compenetrados da justiça de nossa causa entremos no combate; e no risonho crepuscular da tarde entoemos o hymno da liberdade.

Julgai-nos fracos?

Não somos bem fortes, pois representamos a maioria dos povos, e por conseguinte nunca puderemos ser vencidos, por esta quantidade inferior de argentarios. Prampolini disse: Trabalhadores sois pequenos porque estaes de joelhos. Levantae-vos.

E' isto uma verdade incontestavel. A vossa attitude até a presente data, tem sido de humilhação; temos assistido impassiveis a espoliação de nossos direitos e liberdades; porém é tempo de erguermo-nos; as victorias que os nossos irmãos de alemmar tem conquistado, deve nos estimular, afim de que com mais denodo entremos na liça certo de que seremos vencedores pois a nossa causa é a do direito e do dever.

O Centro Operario, pretende crear um congresso artistico operario, o qual de facto ha de prestar um grande trabalho em prol de nossos direitos; mas para que elle seja estabelecido é necessario contar com a solidariedade geral do operariado desta terra; é preciso que este congresso seja composto de operarios que representem plenamente o sufragio real de cada classe, para que em suas resoluções elle possa ser o genuino interprete dos sentimentos de toda collectividade.

Para consecução deste fim, é necessario o comparecimento geral; e assim faz-se preciso que cada um de vós aqui presente, que comprehendeis a importancia deste commettimento trabalheis no sentido de convidardes os vossos collegas e amigos operarios, afim de assistirem a estas conferencias nas quaes serão explicadas os fins do congresso operario. Como vos disse no inicio de meu discurso, sou muito neophito na doutrina socialista, não vos posso fallar largamente sobre este assumpto, falta esta bem grave; porém que em outras conferencias será remediada, attento a preferencia dos conferencionistas; taes como os queridos companheiros João Ezequiel, Martins Filho, Francisco Britto, profundos conhecedores da materia. Elles com as suas palavras autorizadas cheias de ensinamentos sublimes, satisfarão *in totum* as vossas espectativas, e isto redundará em uma adhesão geral que trará como consequencia a recente creação do referido congresso.

Assim pois companheiros eu espero que não haveis de encarar este assumpto no terreno da indefferença; tracta-se de nossa liberdade, e Deus amou-a; foi elle que compadecido de seu povo israelita que gemia sobre o jugo de Pharaó, quem succitou a Moyses para ser o libertador; o dia da liberdade foi tão sublime que ficou sendo uma data memoravel para aquelle povo. Foi ainda Deus que compadecido de nossa mizeria espiritual enviou a Jesus Christo afim de remir a humanidade; e de facto pela fé nelle nós temos a liberdade espiritual; o seu sangue derramado no calvario, abriu para a raça humana novos horisontes de paz e de amor. Companheiros a nossa causa será vencedora pois ella é amparada por Deus.

Deixai tudo que vos detem, e vinde confraternizar comnosco!

Vinde eu vos peço em nome de Deus, em nome da familia, em nome da patria, e em nome da liberdade!

Ulysses de Mello.

CARNE VERDE

Voltamos hoje nossas vistas pare o monopolio da carne verde, onde um syndicato indecente mantém nos mercados desta capital o preço de 1.000 rèis por kilo de carne verde, o que é por demais caro para aquelles á quem a fortuna não sorri.

Não podemos comprehender a razão porque nesta época, onde a importação do gado tem sido abundante ainda a população do Recife esteja sujeita a semelhante abuso.

Os srs. marchantes ainda não se sentem satisfeitos; as suas algibeiras ainda estão mirradas, e o pobre povo ha de, com sacrificios ingentes, concorrer para as suas insaciaveis pretenções, ou então recorrer para o immundo xarque que continúa a cotar-se á razão de 1$200 o kilo.

O *marisco*, o *carangueijo*, o *bacalháu*, augmentaram de preço e só a *fressura* tem sido até hoje o refugio destes pobres famintos que tiveram a desgraça de nascerem pobres.

A sociedade assim o quer assim o tem.

Notas dilaceradas

Continuam novos clamores.

Levantam-se novos protestos, e em meio a dolorosa espectativa social, iniciam-se os vexames das classes pobres de Pernambuco.

Queremos nos referir ao facto da regeição das notas dilaceradas, pelo commercio, o que tem trazido sérios prejuizos e desarranjos nas classes operarias.

Como se sabe, por um acto do governo federal, não teem circulação as pequenas cedulas que se acharem partidas, e que são justamente as que mais frequentemente circulam nas mãos dos homens do trabalho.

D'ahi uma série de difficuldades, a falta de compra de generos de primeira necessidade, tudo emfim, vai concorrendo para o anniquillamento de uma classe que desesperadamente luta pela vida, e cae, e morre, e se asphixia, sem ao menos passar pela vida vivendo, na phrase da poeta.

Os pagamentos são feitos, em varias a officinas com taes notas dilaceradas, uma vez que os patrões e proprietarios não querem perder o seu capital, e dest'arte os mestres fazem o dividendo, restando simplesmente o prejuizo para os infelizes trabalhadores.

Os ricos, os grandes, os poderosos, estes não soffrem, as leis não são feitas para elle, e, se a actual lhes abrangesse, não os prejudicaria porque as pequenas cedulas não passam em suas mãos.

Onde iremos pois parar, se não resolver-se tão triste questão?

Até então eram o cobre, e o nickel, que uzurariamente guardados provocavam o desespero do povo, hoje é o papel moeda.

São fructos da Sociedade.

Rectificações

Srs. redactores da *Aurora Social*—Acostumado a ver sempre nos artigos que dou publicidade pelo vosso conceituado jornal, a expressão verdadeira e sincera da mais salutar consciencia, venho pedir vos para que façaes, uma rectificação no artigo pubilcado em vosso numero passado sobre a epigraphe—Mais um Parasita.—Tendo havido engano na porcentagem exigida pelo apontador daquella estrada, peço-ves que torneis publico ser dicta porcentagem de 10 % sobre emprestimo em dinheiro e 20 % sobre generos fornecidos, como já noticiei, e não 1 % nem 2 % como por engano dessa redacção foi publicado. Agradecendo-vos o favor, direi ainda sobre o assumpto mais alguma couza. Foi-me fornecida por pessôa insuspeita ter cessado ali a escandalosa e torpe especulação, porque ao ter sciencia do facto, o illustre dr. José Pires actual chefe da locomoção dali, dirigiu-se ao felizardo apontador e vedou-lhe toda transacção com seus operarios e empregados, deixando-o por conseguinte a lutar com elementos contrarios a sua indole, e ao seu interesse, a sua indole porque já não lhe era mais permittido arrancar dos operarios, seus salarios, a titulo de beneficio, favores e acto de humanidade, como propalava, e interesse porque apoderou-se logo de si, o presentimento de que jamais receberia ao menos o capital posto em jogo nas suas ultimas tranzacções e de... saudozas memorias! Entretanto como meio unico de reparar todo esse mal vocferou:—o Governo devia acabar com esta sociedade de anarchistas. Portanto charos leitores destas palavras conclue-se que para elle era preferivel o exterminio de um povo, ao fabulozo lucro obtido a custa daquellas pobres victimas, que nada mais tem para cobrirlhes a nuez e mitigar-lhe a fome do que essas gottas de suores vertidas pelo trabalho afanozo em detrimento de suas proprias existencias.

Achando portanto digno dos maiores ecomios a acto justo posto em execução pelo illustre chefe da locomoção em prol dos seus operarios, eu o ficarei apreciando por esse relevante serviço prestado ficando convicto de que sobre este assumpto não bradará mais as armas.

Sentinella.

Mais um parasita

Chegando ao meu conhecimento que, alguns companheiros, inclusive o sr. apontador das officinas da Central, attribuem a mim o artigo publicado em 15 do mez proximo passado na *Aurora Social* com a epigraphe acima, venho publicamente protestar contra tal imputação.

Sou unicamente agente deste jornal na cidade de Jaboatão e não consultante de artigos que tenham de sahir ferindo este ou aquelle.

Fique certo o sr. apontador e mais companheiros que, nem vi, nem sei quem inserio nas columnas da *Aurora* o tal artigo.

Procure o sr. apontador, entre os seus inimigos gratuitos—quem o ferio, e retire de mim esta imputação

Aos companheiros digo tão sómente que, não sou eu o unico que nas officinas pode escrever artigos; o jornal é de operarios, portanto qualquer operario pode escrever para seu jornal.

Jaboatão.

Alfredo Lima.

A BOLSA

Necessariamente a *bolsa* tem sua origem na Inglaterra, onde a massa operaria soffria mais do que em outra qualquer parte do mundo; onde os unicos amigos della eram a fome e o frio, mas frio que congela, frio que mata.

Pois bem. Por uma energia vinda de si mesma, por uma consequencia inevitavel da oppressão do patrão sobre ella, oppressão que passava á escravidão, sahiu *Trad's union*, que si não é uma verdadeira *bolsa*, parece comtudo ter dado inspiração a sua formação.

Estes syndicatos que não só protegiam o trabalho do capital, que não só faziam do operario um homem livre, como conferia-lhe seus direitos civis e politicos, floresceu muito rapidamente na Grã-Bretanha, e tanto que enfrentavam altivos os emprezarios-industriaes (e industriosos), chegando ás vezes os seus fundos attingirem a 20 mil contos em nossa moeda, chegando uma dellas, chamada « Cavalheiros do Trabalho » nos Estados Unidos da America do Norte, attingir a milhão o numero de seus associados.

E, para longamente dizer o poder destas instituições, basta lembrar que uma *Trad's union* sustentou uma *greve* mais de seis mezes; o que é superior attendendo ao meio de vida do inglez quasi exclusivamente artistico, quiçá do povo europeu.

Considerando a *bolsa*, como acabamos de ver, uma institulção toda philantropica, não temos nada mais a accrescentar sobre a *Trad's union*.

Si bem na actualidade não estejamos em condições identicas ao proletario europeu, já pela densidade de populações, já pela influencia climatologica, não deixa, porém, de um dia no futuro estarmos como abaixo o veremos; e, si isto é uma verdade, faz-se preciso que desde já nos constituamos. Tudo no universo é relativo, é proporcional: na altura de nossas forças, nós podemos ter nossa *Trad's union*, nossa *bolsa*.

Sabemos que esta instituição tomou caracter verdadeiro com o trafego das estradas de ferro, não porque influisse grandemente na fonte do trabalho, mas porque facilitou o transporte do operario, o que é de um alcance supino.

Ora, Pernambuco, Estado mais operario do Norte da Republica, já está ligado por via ferrea com Alagoas, Parahyba, e podemos dizer Rio Grande do Norte; o luminoso Centro Operario já se acha tambem espiritualmente ligado não só as cidades do interior, como aos Estados supra, portanto com pequenos esforços unir-se-ha materialmente, isto é, deverá constituir um só corpo homogeneo, grande e forte, capaz de proteger, digo sustentar um certo grupo desta ou daquella empreza quando procurar por meio da *greve* levantar a cabeça altiva exigindo seus direitos ao patrão.

E para esta ligação material, benefica, necessaria, só ha um meio, facil, ao alcance de todos — a creação de uma *bolsa*, que segundo nossos calculos dará uma media extraordinaria de cem contos annuaes, e isto sem absolutamente vexar o contribuinte, calculo que nada tem de optimista.

O nosso companheiro, aquelle lá do fundo de uma fabrica, aquelle que troca a sua saude, as suas forças, a sua vida pelo pão, pode com esta creação, trabalhar com mais descanço e resignação, porque sabe que si lhe vier uma doença elle tem a *bolsa* para nada soffrer, para nada pedir; sabe que si por uma circumstancia imperiosa, imminente pozesse em *parede*, terá essa mesma *bolsa* para garantir aquelle tempo que durar a *parede* e para o patrão perdendo multiplamente mais do que elle satisfazer suas exigencias justissimas. O que é de um valor incalculavel, pois si o grevista tiver meios de sustentar a *greve*, não recorrerá á mão armada.

(*Continúa*).

Ildefonso Accioly.

Declaração necessaria

Na *Provincia* de 22 do mez passado, nas publicações solicitadas, encontramos, com o titulo acima, as seguintes linhas:

« *No* tendo até hoje, apezar de prompta reclamação a illustre redacção, sido *corrigidos* ou reproduzidos os versos *Somos Irmãos*, insertos na *Aurora Social* de 15 do proximo findo, cujo autographo, como poderá ser verificado, foi totalmente transiormado—na composição e revisão; *declare-me*, peremptoriamente seu autor—que não produzio semelhante babozeira !—1 de dezembro de 1901.—*J. Elias d'Albuquerque Rego Barros*. »

Como vê o publico se refere a nós semelhante declaração, que absolutamente não nos pode marear a reputação, nem o tino com que temos até hoje mantido a propaganda social.

O nosso companheiro Elias do Rego Barros, a quem gratuitamente temos cedido as columnas do jornal, porém, entende que somos forçados a cumprir-lhes ordens e determinações *in continenti*, como se fossemos seus empregados, e mais ainda julga *babozeira* aquillo que simples descuidos de revisão occasionam erros typographicos.

Somos absolutamente contrarios ás erratas e reproducções, e não dispomos de espaço para essas *simpliscidades* que não maream a reputação litteraria de quem a tem firmada.

A *Aurora*, frequentes vezes, tem sahido eivada de erros, graves até, como no ultimo numero, mas nem por isso, permitta-nos a vaidade, o nosso credito se julga abalado.

Além disso, a carta que o companheiro nos enviou, redigia-a de tal forma que desgostou-nos tal o ardor com que profligava os pobres erros typographicos.

Somos operarios, trabalhamos dia e noite e sómente nas horas vagas nos dedicamos as lides jornalisticas, e não nos resta tempo para advinhar autographos como o do *Somos Irmãos* !

Esta é que é a verdade.

No mais queira desculpar-nos.

Como companheiro J. Elias, devia antes da declaração acima entender-se comnosco, que talvez não sahisse aquelle *declare-me*.

Fiquem pois avisados que só em caso muito excepcional a *Aurora* fará retificações.

A sua parte litteraria é uma benevolencia de nossa parte.

APARAS

Entre Operarios

— Estás muito occupado hoje sem duvida.

— Porque fazes esta pergunta?

— Se te fosse possivel perder o resto do dia... Tinha muito que te conversar; bem sabes que fiz de ti meu confidente.

— Obrigado por esta consideração; e só a acceito porque conheço em ti um verdadeiro amigo e um dedicado discipulo do immortal *Rocambole*.

— Surgindo agora dentre as ruinas do Castello de Lord Palmure, tendo sua sobrecasaca verde e oculos da mesma côr.

Hei de espalhar, com o meu mestre, dedicados agentes por toda parte, afim de ir pondo a calva todos os factos oppressores, com que procuram embargar o progresso, estes autocratas burguezes, inimigos do Socialismo.

— Oh! como te aprecio quando fallas assim!...

Parece-me neste momento, verte no Boulevard Saint-Diniz, empenhando a espada da defeza, em pról dos desherdados da fortuna!

— Psiu! caluda... Não nos lembremos mais daquellas epochas de incendios, de assassinatos,

de methamorphose etc. Demos o nosso tempo ao novo seculo, e mostremos—ao burquez aváro, o quanto vale o operario, tendo na mão direita a ferramenta, e na esquerda o livro.

Vai entrar o anno de 1902;—no decorrer deste anno, se a natureza não pedir-me conta do meu corpo, e ainda possuir este halito divino que os philosophos chammam alma, trabalharei incensantemente em própl dos que jazem no infortunio. Hei de rasgar as mascaras que cobrem as ridiculas feições dos autocratas, e mostral-as ao mundo social tal qual ellas são. Só sinto meu caro amigo, é o operario ainda não se comprehender. Sou moço, não tenho familia, vivo d'um trabalho que me não rouba a liberdade de andar por onde queira, ah!... liberdade! ..

— Estou pasmo!.. Que se passa contigo?

— Ha momentos na minha vida de operario que me não lembra do rude trabalho que me dá, a subsistencia.

Deixo-me enlevar nos fluidos magneticos que circulam os paramos celestes, e penço me achar junto as Huris de Raphael, bebendo o doce nectar que embriaga alma cansada do soffrimento moral.

— Meu *Rocambole*, basta;—estou *basbaque*; não continues a poetizar a vida, porque, me obrigas a passar por uma horroroza phase.

— Bem; prepara-te para ouvir os infortunios de nossos irmãos.

—Já ouvisses fallar no Aquino, futuro chefe do trafego da Central?

— Na *Pimenta*.

— Ora; este sujeito era cigarreiro e tinha uma fabricasinha d'onde ia tirando muito restrictamente o custeio diario.

Mas, entendeu de ser rico e fazer figura, tocou fogo no resto da *polvora* que tinha, para sustentar um tempo que não podia ser duradouro. Vendo-se perdido, e vendo que a sua profissão não se coadunava com sua ambição, comprou uma *chaleira* em nome do dr. Moraes Rego, e areando-a noite e dia, procurou—collocar-se n'altura que desejava. E isto meu caro amigo, de azorrague em punho, chicoteando aos que lhes eram inferiores, sem a menor consideração.

— Não ha que admirar; os *amigos* d'aquelle sr., isto é; os seus amigos de repartição, não o podiam agradar sem que não fossem um segundo Pedro Bonete.

— Um verdadeiro tyranno, um algoz perfeito, fazendo o maior mal possivel, especialmente quando podia desconsiderar o seu inferior, como succedeu com o sr. Abdisio de Castro actual agente da Central.

O que admira meu amigo é este homem, hontem tão amigo do dr. Moraes Rego, hoje aspirando occupar o seu logar. Retratou-se, dividiu sua *careta* pelos emprezarios da Estrada, (*novissima chaleira*) e prepara-se para subjugar os pobres diabos que lhe são inferiores.

— Desgraçado!

— Mais de que isso, miseravel; fez como o sapo, *bote-me no fogo*. Chorou, lamentou na sahida do dr. Moraes Rego, na apparencia, emquanto no intimo dizia; *morre um para o bem dos outros*. Mas aqui está o *Rocambole*, a espreital-o por todos os lados, em todos os sentidos. Já são dois, Joaquim Barboza e João d'Aquino. Tomei a peito estes dois entes, e hei de abatel-os até ao pó.

— O Joaquim Barbaza é o mestre, não é?

— E', e não sei quando se ha de lembrar que a casaca do burguez rompeu-se-lhe nas mãos: e que no Club de Diversões faz a *bonita* figura de criado d'agua. E' pena não ir elle as conferencias do dr. Julio Maria, apprender a negar historia.

— Neste ponto, calo-me; bem sabes que sou catholico.

— E's meu confidente. Hei de expor-te tudo que penso, tem paciencia. Não irei muito longe com o dr. Maria, digo-te somente que elle mente em presença da historia...

Agora vamos a outro assumpto; quanto ganhas?

— Quatro mil e quinhentos.

— Pois bem; meio dia é dois mil e duzentos e cincoenta, peço-te que o acceites.

— O que?

— E's pobre, carregado de familia, fiz-te perder meio dia, é de bem que t'os dê.

— Obrigado; mas não acceito, e, até para semana—adeus meu Williams.—Adeus

ANCO MARCIO.

O Curtiço

(DIALOGO ENTRE AMIGOS)

— Bom dia meu amigo, como vais? A Central como porta-se?

— Sempre muito bem.

— Como vão os Reverendissimos frades?

— Oh! meu charo amigo! E' de admirar o estado d'elles; conservam-se numa attitude elevadissima.

— Sim?

— Perfeitamente; agora a Igrejinha passa a Capella, e talvez mesmo será a Matriz; creio que bota Santo Amaro á baixo.

— Então?

— Ora, os frade são damnadinhos para trabalharem, e já ouvi dizer em Jaboatão que no dia 12 do proximo mez vindouro ha uma inauguração.

— Que estaes dizendo? Está bom. E os operarios fazem parte da festa?

— Qual! Elles estão desconfiados das orações, pois que todas são ás avessas, e não sabeis que o gato escaldado tem medo da agua fria?

— E' como disseste-me, tem ido de palmo a palmo; esta obra é de alguma efficacia?

— Sem duvida. Os frades são homens muito habeis e no intuito de renegarem aos operarios, trabalham fortemente para este fim.

— Agora, dize-me os nomes d'esses,—sem batinas, se já o soubesses.

— Direi agora mesmo; porém, vamos fumar um cigarrinho d'aquelles que vende o Aguiar.

— Pois não, acceito.

— Vamos agora aos nomes dos venerandos padrecos: um chama-se Frei Alves Crocodillo Iscorpião, padre fundador e encarregado geral da obra.

— Damnou-se! Que nome bonito! Então, o resto?

— O outro é Frei Farias Barriga, encarregado do fornecimento e é administrador fiscal da igrejinha. Quem fez elle engordar tanto e crear barriga? Os operarios.

— Já sei. E o outro?

— Frei Bacellar Murcego Barata Sonsa, auxiliar dos outros.

— E só são estes tres?

— Não. Ainda temos Frei Aquino manivella e Frei Passos.

— Nossa Senhora! Os operarios devem ter muito cuidado com tal gente perniciosa; é o diabo, meu amigo. Si fores a Jaboatão, vê si dizes lá alguma cousa, mesmo a alguns dos nossos amigos, que tenham relações com alguns d'aquelles opprimidos, que vivem subjugados pela burguezia, afim de saberem mais ou menos como hão de viver.

— Sim, eu farei o possivel.

— Bem, me talaste de Frei Aquino e eu o conheço.

— Sério?

— Sério, pois não hei de conhecel-o? Era antigamente, pobre cigarreiro na rua de S. João.

— Conheces tambem Frei Passos?

— Perfeitamente. Este viu-se desprestigiado lá no Prolongamento e agora está montando na venta da humanidade, e perseguindo fortemente aos conductores de trem.

— Frei Farias é bom christão?

— Qual! Elle disse em altas vozes no publico de Jaboatão, que *A Aurora* é um jornal anarchista, e que o governo devia acabar com elle.

— E porque elle manifestou-se assim?

— Pelo simples facto de não poder mais fornecer cartões aos operarios.

— Que cartões são esses?

— Ignoro. Depois que eu tiver a real certeza de seus fins eu t'o direi.

— Então, elle chamou de anarchista a *A Aurora*?!

— Chamou. Mas agora pergunto eu: quaes foram os anarchistas mais salientes das antigas datas? Foram os Jesuitas d'aquelle caracter. A *Aurora* é uma mãe de familia; nas classes opprimidas de Pernambuco merece os elogios que lhe são cabiveis e não essas torpes calumnias que lhe são erguidas por um frade indiscreto, que só quer fazer o mal.

— Bem, meu amigo. Já estou sciente dos frades o que são.

— Lá tambem tem dois acolytos pertencentes a tal igrejinha, que tinha esquecido-me de dizer-te, e que talvez o conheças.

— Quem são elles? Desejo saber.

— E' o celebre Perna de Pau e o Mão Quitolla.

— Xi!... Logo dois aleijados!

— Estão na ponta. Elles que puchem com ganchos aos irmãos devotos que lá gostam de ir rezar.

— Eu não vou lá, que achas?

— Eu tambem não, se os operarios fossem á missa, eu tambem ia, mas assim, não sou eu tolo. Oh! que curtiço renegado. Credo em cruz, canhoto!

— Adeus.

— Até a volta.

TETÉO.

FARRAPOS

O nosso confrade *Grito da Patria* que se publica na Capital Federal, sob a direcção espirital do estimavel confrade A. Menezes, em sua ultima edição de dezembro, em um editorial precipitado, diz que naquella capital não ha uma só *greve* que não tenha um fundo revolucionario, um principio de desordem para os assaltos a republica, o que absolutamente é uma inverdade e não póde ser tolerada por aquelles que até hoje teem feito da *greve* a arma de combate, verdadeiramente invencivel, contra os erros e crimes da actual sociedade que ha uns distribue os proventes da vida, e a outros monopoliza os instrumentos do trabalho, fazendo o um pariá,—um producto do acaso.

Não levasse o confrade o seu ardor republicano ao ponto de emprestar áquelle movimento *paredista*, que é o mesmo d'aqui que é o mesmo do Pará, que é o mesmo da França, da Allemanha, da Inglaterra, do mundo inteiro emfim, ao exaggero, por certo não protestariamos contra o periodo do seu artigo de propaganda anti-monarchica, idéa que absolutamente não medradará na patria brasileira.

Como socialistas amamos a Republica, queremol-a, adoramol-a, porque vemos no governo do povo pelo povo, o idéal mais proximo do nosso pensamento, mas o que absolutamente não acceitamos nem podemos convir é com a Republica burgueza, essa negação do idéa sublime dos nossos maiores.

Queremos a Republica, mas a Republica social, a Republica do povo, a Republica da liberdade, do trabalho e da verdadeira fraternidade.

Não! a *greve* na Republica, convença-se o confrade não é a premeditação do crime, ensaiada pelo vil instrumento da monarchia.

Não!

As *greves* que nestes tempos, em nosso Brazil têm se realisado representam o protesto dos trabalhadores famintos que não se deixam explorar pelos seus algozes,—representam a independencia de um punhado de bravos que já se erguem cançados de servirem de pasto aos verdugos—para impor-lhes, em nome do trabalho—a reivindicação dos seus direitos.

Sempre que a causa da liberdade periga, sempre que os interesses collectivos são prejudicados, ha a *greve* que nada mais significa do que o protesto erguido em nome do direito e do dever contra os falsos apostolos da liberdade.

A *greve* na bahia do Guanabara, na Capital Federal, quando deu-se a expulsão do generalissimo Deodoro da Fonseca, foi, o confrade deve saber, a resultante do protesto operario contra os artigos do Codigo burguez que prohibia essa livre manifestação do trabalho.

E, nada mais revoltante, nada mais digno de censura, do que proclamar-se no Brazil a liberdade, a igualdade e a fraternidade republicanas, pretendendo-se que o seu trabalho seja escravizado, que o preconceito impere, e que irmãos ainda se odeiem, enxergando no portuguez, no italiano, no allemão, no belga em qualquer extrangeiro, em summa,—a desgraçada patria brazileira!—

O principio revolucionario, não comprehende-se pela bala, ou pelo exterminio.

A *greve* representa a revolução de idéas, a revolução de cerebro, porque como diz Ferri, precisamos revolucionar os cerebros, implantando-lhes a verdadeira orientação do trabalho.

Se por outro lado encararmos a revolução ahi está a propria Republica affirmando pela voz de 15 de novembro que é das revoluções que sahem os pharoes que illuminam fulgurantemente o mundo.

Que regimen de liberdade tem procurado deturpar os *grevistas* do Brazil, se a liberdade entre nós é uma mentira?

Que crimes teem commettido a sombr de arregimentações *grevistas*?

Se crimes têm havido, tem sido a propria Republica, pelos seus representantes, quem os comette, quando na Capital do Paiz cae victima de suas balas irresponsaveis um Honorio França, um filho do povo, um lutador abnegado; em Pernambuco um Guilherme Patricio Filho, e no proprio Rio de Janeiro um Vinhaes que para não ser morto recorre ao exilio.

Se crime tem havido tem sido ella, pelos seus apotolos, quem os tem posto em pratica, além de suffocar as tendencias altruisticas do operariado estabelecendo em suas leis penas para aquelles que num momento de justa repulsa negam-se a continuarem escravos do Capital.

As *greves* do Rio, convença-se o confrade, é preciso fazer justiça ao caracter dos companheiros, não são insufladas por ninguem, porque nós operarios já conhecemos de mais a sociedade e os nossos *protectores*.

Não se assombre o brilhante orgão do jornalismo fluminense com o espantalho da monarchia, e não queira dar um máo attestado de sua fé republicana que deve ser a da liberdade, pedindo a policia para espionar os centros operarios daquella capital. Isto não póde ser o espirito da mocidade republicana.

Além da exploração capitalistica, da mizeria, da pressão, ainda a policia, para prender, por um gesto, fuzilar por um acceno!... Não este não pode ser o pensamento do orgão intransigente do republicanismo federai.

JOÃO EZEQUIEL.

João Bento

E'-nos imperioso e grato dever, affirmar aos nossos companheiros que é inteiramente destituido de fundamento o boato deshonroso que sem nenhum motivo tem-se propalado acerca deste illustre companheiro, um dos mais bellos ornamentos da nossa classe.

Altivo, cheio de serviço a arte, João Bento pela sua extraordinaria pureza d'alma e elevação de caracter está acima de toda e qualquer suspeita, desde que Apostolo do Bem e da Verdade, tem até hoje consagrado ao trabalho a sua energia e perseverança.

Assim pois, a *Aurora* affirma serem inexactas essas accusaçõss malevolas que se tem levantado para ferir aquelle cujo nome é um penhor seguro da honra e da honestidade.

E' por ora o que nos cabe dizer.

O NATAL

Estamos em pleno Natal. Celebra-se a festa da christandade.

Ha na terra um riso infindo, uma alegria extraordinaria. Nos semblantes transparece o riso; o coração polula.

E' a festa do Natal. E' a festa da christandade.

Sentado em sua lauta mesa, velho burguez pançudo reune em torno a familia, e ergue silenciosamente a taça brindando a velha burgueza, que, ao seu ver, é o *symbolo* da *philantropia* e do *amor*.

As filhas n'um arrulo saudoso interpretam Verdi ao som de Pleyd.

Paira neste ambiente um ar purissimo, confundindo o aroma balsamico das flores...

Os servos trajam a parisiense e desfazem-se em cortesias...

Certo *visconde* a ultima hora convidado requebra-se de meiguices ante uma gentil *mademoiselle*, que renega-lhe os affectos sexagenarios.

Rompe a orchestra. O baile começa. E' a festa do Natal. E' a festa da christandade.

A multidão repete sorrindo: *Gloria in excelsis Déo!*

***

Lá fóra porém, um proletario, um desgraçado, tirita de fome e frio, em plena madrugada.

Trabalhou, lutou, roubaram-lhe a gloria, e eil-o ali, sem uma esperança de vida.

O taverneiro fecha-lhe como epilogo ao infortunio, o credito; e elle soluça de dor e de vergonha!

E' a festa do Natal. E' a festa da christandade.

Perto, n'um berço velho, em tenue chita, infeliz creança soluça pedindo pão! E' desgraçada e não o sabe.

Além a mulher querida que lhe segue o destino, tomba e cae e desfallece e morre. Impera a fome. E' a festa do Natal. E' a festa da christandade!

Ha no seu coração uma dor profunda, um sentimento atróz.

Fugiram-lhe os amigos e a generosidade dos intimos desappareceu; e elle celebra neste lugubre ambiente a festa do Natal, a festa da familia.

Reina profunda consternação.

***

São 5 horas da manhã.

Termina o baile. As bellas damas regressam aos lares, guardando n'alma as mais doces recordações da festa do Natal, da festa da familia emquanto que a infeliz creança, formosa e loura, exhala o ultimo alento pedindo pão!

E' a festa da familia. E' a festa do Natal.

Pax homnibus bonnae voluntatis.

JOÃO EZEQUIEL.

RISOS E FLORES

Passa a 5 deste mez, mais uma primavera graciosa, a gentil Estellita Saraiva da Silveira, dilecta filhinha do nosso bom companheiro Pedro Baptista, a quem felicitamos, pelo auspicioso facto fazendo votos para que tenha a felfcidade de assistir sempre dias como este tão gloriosos.

—

No dia 14 do passado na visinha cidade do Cabo, csnsorciaram-se o nosso bom amigo Francisco Campello Lins, zeloso encarregado da Contadaria da Estrada de Ferro de S. Franciseo e a exma. sra. d. Anna B. Campello Lins.

Fazendo votos para que encontrem na vida conjugal um futuro cheio de rozas, saudamos ao joven par.

—

Foi a 21 do passado o dia do natalicio do nosso particular amigo o

intelligente missivista do nosso confrade *Jornal do Recife*, o sr. José Augusto de Barros, que em Ribeirão dedica-se a classe commercial.

PEROLAS SOLTAS

NOVO CULTO

Avante!... A caridade que o Messias
pregou a bem do povo, a bem dos fracos,
tornou-se a mascara de hypocrisias
de todos os velhacos!...

Avante, proletarios! Dois mil annos
de lethargia e rude captiveiro,
dois mil annos de fome, frio e enganos
aos pés do vil Dinheiro,

nos impellem a lutar! De caridade
ninguem precisa mais, se da Justiça,
do Trabalho, do Amor, da Liberdade
canta-se a nova Missa!

Sempre avante! A Razão, a Luz, a Escola
aquecem o Ideal que accorda a Terra...
Pão para todos, mas não pão de esmola,
que aviltamente encerra:

— pão, recompensa justa do trabalho,
pedimos! O direito sacrosanto,
O nosso proprio sacrosanto orvalho
queremos, não jà pranto!

Esse Ideal, que julga-se utopia,
é a nossa Religião, ó proletarios
embrutecidos pela tyrannia
de uns pançudos falsarios!

Despertai-vos!... Nos nossos corações
despedaçados vai surgindo um vulto
que brada:—abaixo, abaixo os mandriões,
e viva—o NOVO CULTO!...

F. MAROTTI.

Septicismo

(HISTORIA D'UM MARINHEIRO)

A Fabricio Filho

— Fatal desengano! — Eterna maldição!...

. . . .

Singrava desnorteadamente, por sobre a superficie procellosa de um *oceano* rigido, um *barquinho* fragil, quasi á perecer. O bohemio *marinheiro*, circumspecto e sereno, não cogitava o infortunio, limitando-se apenas a consultar de hora em hora a *bussola* errante e impassivel.

Tudo lhe era bom.

Uma noite em que tudo era silencio, dormia desassombradamente o audaz e inexperiente *marinheiro*, quando, de subito, ouvira uns sons monotonos de um cantico serenico que morriam longe, muito longe.

Abriu uma das janellas de seu *beliche* e poz se a escutar autheuticamente a melodia terna da maviosa *sereia*.

Não perduraram as suas exultações, banindo precipitadamente todos os seus facinoras disignios ao furor ardente d'uma tempestuosa *onda*.

***

Passara-se emfim o forte turbilhão, mas o louco *marinheiro*, ainda na sua firme contumacia, proseguia corajosamente na trilha ominosa e escura,—a sua jornada hedionda e liberrima.

Não tardou, porem, a concluir-se a sua teimosia, balbuciando patheticamente:

— Pensei vêl-a e sosinho admiral-a... mas... fatal desengado!—eterna maldição!...

A sereia cantava ainda, e o mar pacifico dos seus dourados sonhos, metamorposeara-se em escabrosos pedestaes.

***

— O *mar* pacifico dos seus dourados sonhos —era Judith— o formoso idéal de sua vida, a perfida vulgar que dizia amar-lhe, acariciando outro.

A maviosa *sereia* — era o seu agudo piano, instrumento dos seus desvanecimentos perjuros.

O *barquinho* fragil — era Jorge — o amante de Judith, que deixava-se levar ao abysmo pelo seu coração mentiroso.

O louco *marinheiro* — era o seu coração tenaz e estolido.

— A bussola errante — era a sua consciencia, abstracta e enganadora.

JOSE' SATURNINO.

NOTICIAS

Mais uma bella festa conseguiu realisar este anno a sociedade musical *Pedro Affonso* para a commemoração fulgente ao seu 5°. anniversario de installação.

As 10 horas da noite, no Club Dramatico Familiar, primorosamente ornamentado e illuminado, tomaram assento os representantes da imprensa, convidados, familias, sociedades, etc.; que assim concorreram para a glorificação dos esforços daquelles que tão dignamente manteem a bella instituição musical.

Deu começo a solemnidade que se compoz de 2 partes,—concertante e dançante— a bella ouvertura da opera *Poéte et le Paysan* de Suppé que foi primosamente executada pela Philarmonica.

As producções de Gottschalk,—*L'Hymne National*, a piano por d. Eugenia Ribeiro, e *Tremolo* por d. Philadelphia Pinto, satisfizeram plenamente.

Lydio de Oliveira esteve *irreprochable*, na grande phantasia para flauta a sublime inspiração de Galli.

João Rodrigues, arrancou applausos delirantes pela optima interpretação do *Capricho*, de Benetti, para clarinetto, merecendo ainda especial menção d. Maria do Carmo, e o sr. Benedicto Pinto na magnifica *Romanza* de G. Papini, para canto e violino.

A *Phantazia*, de Bommel, para piano, por dd. Annita e Nerinha Freire, mereceu as mesmas sagrações da *Marche Nuptiale* de Mendelssohn, que nada deixou a desejar por parte de dd. Magdalena, Philadelphia Pinto e Eugenia Ribeiro.

Francamente satisfez-os a peça final *Il Dilettante*, duetto para bombardino e saxophone, que foi magistralmente acompanhada pela Philarmonica.

Il Guarany de Carlos Gomes demonstrou mais uma vez o talento da gentil mlle. Annita Freire, assim como a *Phantasia*, para violino, de Singelis, attestou o grão de aperfeiçoamento do futuroso professor Alfredo Figueiredo.

Abrilhantaram a festa bandas marciaes que tocaram em lindos coretos, na rua Pedro Affonso, artisticamente ornamentada, e alem de outras, o benemerito *Club Mathias Lima* que em sua passagem recebeu dos populares saudações eloquentes.

Ao espoucar do champagne usaram da palavra varios representantes de sociedades e da imprensa tendo nos feito representar pelos nossos companheiros Secundino Lima e Pedro Alexandrino.

Agradecendo o convite que nos foi enviado saudamos a *Pedro Affonso*, dando os nossos parabens ao sympathico professor João Baptista das Chagas Ribeiro pela optima direcção do concerto.

—

Ainda permanece de cama o nosso activo companheiro José Carlos, devido aos ferimentos que recebera por occasião do choque de trens em Lagôa Secca.

Anciosos esperamos o seu completo restabelecimento.

—

O nosso brilhante collaborador litterario o esperançoso moço José Saturnino, cujo nome é uma gloria no mundo das lettras, teve a gentileza de dirigir-nos um bellissimo chromo de boas festas, fineza que muito penhorou-nos.

Retribuimos ao sympathico amigo os votos de felicidades que nos augurou.

—

Guarda o leito o nosso bom companheiro Alcides Dutrá, atacado de variolas.

Fazemos votos pelo seu restabelecimento.

—

Reuniu-se ha dias na séde da União Typographica, a Classe Typographica deste Estado, sendo a reunião presidida pelo respectivo presidente da União, nosso companheiro João Ezequiel.

Tomaram-se varias deliberações no sentido de resolver assumpto de maximo interesse para os filhos de Guttemberg.

Fazemos votos para que tão bella e tão infeliz classe levante-se o mais breve possivel pugnando pelos seus direitos.

—

Vindo da Villa da Parahyba, deunos o prazer de sua visita o nosso companheiao Joaquim Cruz, que ali está habilitado a angariar assignaturas para este orgão.

Abraçamol-o.

—

A penultima sessão do Concelho do Centro Protector foi honrada com a presença do nosso querido agente de Caruarú, o estimavel professor José Alves de Souza Baudeira, que foi saudado pelo orgão do Centro e convidado a tomar assento ao lado da presidencia.

O seu discurso de agradecimento foi uma verdadeira peça oratoria, vibrante de enthusiasmo e eloquencia.

—

O artigo *Mais um parasita* que inserimos em nosso numero passado tem a responsabilidade do corpo redactorial da *Aurora*, não tendo absolutamente concorrido para elle o nosso companheiro Alfredo Lima.

Não comprehendemos a razão de suspeitas a este ou aquelle companheiro, desde que todos os trabalhos não firmados por seus autores pertencem a redacção.

—

Enviamos sinceras felicitações ao nosso distincto companheiro Manoel Clementino B. Lins pela distincta approvação do seu estimavel filho o applicavel moço Eustaquio Clementino de Barros.

—

O sr. dr. Arlindo Alberto de Albuquerque acaba de communicar-nos que dissolveu a sociedade que mantinha com o dr. Antonio Baptista de Aquino, na direcção do Lyceu Pernambucano, que fica d'ora em diante sob sua exclusiva administração.

VOZ FEMININA

O nosso querido companheiro João Ezequiel acaba de ser convidado pela redacção da *Voz Feminina* para seu correspondente em Pernambuco.

A *Voz Feminina* advoga os direitos da mulher, esposando assim as theorias de Eleonora Aveling, Paule Minck e outras propagandistas da evolução feminista.

Publica-se em Diamantina e tem como redactores as illustres companheiras Clelia, Zelia e Nicia Rabello.

—

Enviamos hoje o nosso jornal a todos os nossos companheiros que nos deverão auxiliar tomando uma assignatura, segundo resolução de assembléa geral ultimamente realisada no Centro Protector.

Esperamos que os nossos esforços sejam secundados por todos aquelles que fazem da imprensa operaria um verdadeiro sacerdocio.

—

Acquiescendo ao gentil convite que lhe foi endereçado assistiu o Centro Protector a bellissima festa que se realizou em commemoração ao 25° anniversario do Monte-Pio Bom Successo.

Varios representantes de sociedades e convidados usaram da palavra, sendo a todos offerecido delicado copo d'agua.

Felicitamos aos bons companheiros do Monte Pio Bom Successo.

—

Attendendo a que a nossa *Aurora* tem urgente necessidade de maior circulação constituimos tambem nosso agente no Pará o laureado companheiro Pedro de Carvalho, que poderá ser encontrado no escriptorio das officinas da Estrada de Ferro Bragança, em S. Braz.

Esforçado trabalhador, dedicado e activo, o nosso bom companheiro, confiamos não se negará em ajudarnos na grande tarefa que peza sobre nossos hombros.

Fica pois a *Aurora* com duas agencias no Pará.

—

Do mez vindouro em diante deverá começar o alistamento eleitoral em todos os nossos conpanheiros.

Voltaremos ao assumpto opportunamente.

NECROLOGIO

Noticias recebidas de Portugal dão-nos a infausta noticia de haver ali fallecido, em consequencia de antigos padecimentos que lentamente minavam-lhe a existencia, zombando assim dos recursos da sciencia medica, a veneranda sra. d. Emilia Herminia Ribas e Russell extremosa mãe do nosso querido companheiro Carlos Russell.

Senhora de fino trato, cheia de nobres aspirações, passou pela vida cheia de acções nobres e generosas, fazendo jus a estima e veneração de quantos sabiam apreciar-lhe as qualidades selectas.

Devotada sinceramente a todos os ideaes supremos ella foi a personificação da virtude e da f aternidade, qualidades estas que grangearam-lhe um nome immaculado.

Era maior de 64 annos, casada, e deixou ao mundo filhos illustres, que, dignos herdeiros de suas tradições gloriosas, honram a sua memoria veneranda, seguindo-lhe o luminoso exemplo.

Compartilhando do pesar que dilacera a familia Russell, transmittimos áquelle bom comrpanheiro a expressão sincera do nosso peza·.

—

Victimado por uma terrivel congestão cerebral, indifferente a todos os recursos medicos, exalou no dia 24 do passado o ultimo suspiro o nosso bom companheiro Fernando José da Silva Manta contando 55 annos de idade.

Occupava com distincção o lugar de ferreiro nas officinas da Limoeiro, e era solteiro.

O enterro que esteve bastante concorrido, foi feito as expensas do fundo social do Centro, que lamenta a perda irreparavel.

Sentimentamos a sua familia.

—

Damos pezames ao nosso companheiro Apolonio da Silva Thenorio pelo fallecimento de seu digno pae.

—

No visinho arrabalde, Arrayal, para onde ultimamente se transportara em busca de melhoras á saude seriamente compromettida, falleceu a 21 do passado o nosso estimavel amigo Mamede Justiniano dos Reis que exercia com com desvello o magisterio publico.

Uma febre palustre atirou-o no sarcophago, deixando na orphandade seus 9 filhos.

Ultimamente regia uma escola municipal na Boa Vista, e como director da Socidade dos Artistas Mechanicos prestou assignalados serviços a classe operaria, leccionando primeiras letras nas aulas nocturnas.

Sentimentalisados pelo doloroso desenlace, que nos priva da convivencia de tão digno alliado transmittimos a sua digna esposa a expressão sincera do nosso pezar.

—

Na avançada idade de 70 annos expirou no dia 18 do corrente, na Encruzilhada, a veneranda sra. d. Anja Maria de Sant'Anna, extremecida mãe do nosso digno companheiro Damião Antonio da Costa, a quem sentimentamos, pelo doloroso golpe que acaba de experimentar.